



Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas,
Agrárias e da Saúde

ISSN: 1415-6938

editora@uniderp.br

Universidade Anhanguera

Brasil

Pereira de Melo, Lucas

A contemporaneidade da Teoria do Cuidado Cultural de Madeleine Leininger: uma perspectiva geo-histórica

Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde, vol. 14, núm. 2, 2010, pp. 21-32

Universidade Anhanguera

Campo Grande, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26019017002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

*Ensaio e Ciência:
Ciências Biológicas,
Agrárias e da Saúde*

Vol. 14, Nº. 2, Ano 2010

Lucas Pereira de Melo

Universidade de São Paulo - EERP/USP
lucasenf@yahoo.com.br

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

A CONTEMPORANEIDADE DA TEORIA DO CUIDADO CULTURAL DE MADELEINE LEININGER: UMA PERSPECTIVA GEO-HISTÓRICA

RESUMO

Madeleine Leininger, enfermeira norte-americana, dedicou-se ao estudo das relações entre Antropologia e Enfermagem e sua maior contribuição foi a publicação da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. O objetivo deste estudo foi refletir sobre a contemporaneidade desta teoria a partir dos contextos geo-históricos dos anos 50 e do período de 2000 a 2009. Para tanto, propõe-se uma ensaio teórico, de caráter reflexivo, no intuito de descrever os contextos desses períodos e encontrar situações cambiantes que comprovassem a atualidade da teoria. Foi possível delinear os fatores geo-históricos que contribuíram para o surgimento da teoria, a diversidade cultural dos Estados Unidos devido às migrações, e o dos últimos dez anos. Ao termo, pode-se concluir que existem relações cambiantes entre os dois períodos, fazendo com que a obra da teórica permaneça atual e respondendo às demandas da sociedade pós-moderna.

Palavras-Chave: enfermagem; teorias de enfermagem; enfermagem transcultural; antropologia.

ABSTRACT

Madeleine Leininger, a North American nurse, dedicate to the study of relations between Anthropology and Nursing and its greatest contribution was the publication of the Theory of Diversity and Universality of the Cultural Care. The objective of this study was to reflect about the contemporaneousness of this theory from the geo-historic contexts of years 50 and the period from 2000 to 2009. It proposed a theoretical essay, reflexive, in intention to describe the contexts of these periods and to find changeable situations that proved the present time of the theory. Was could outline the geo-historical factors that contributed to the emergence of the theory, the cultural diversity of the United States due to migration, and the last ten years. To the term, it can be concluded that it exists changeable relations between the two periods, making the workmanship of the theorist remains current and answering to the demands of the post-modern society.

Keywords: nursing; nursing theory; transcultural nursing; anthropology.

1. INTRODUÇÃO

A decisão de analisar a contemporaneidade da Teoria de Madeleine Leininger, numa perspectiva geo-histórica, fundamenta-se na constante busca de respostas para questionamentos que fogem aos limites da disciplina de Enfermagem, explicitando o caráter polidisciplinar, transversal, transnacional, global e planetário das realidades e dos problemas que se apresentam (MORIN, 2004).

Além disso, a partir desta abordagem, pretende-se romper com os paradigmas do sistema de ensino ainda imperante que, desde muito cedo, nos ensina a isolar os objetos, a separar as disciplinas, a dissociar os problemas, ao invés de reunir e integrar (MORIN, 2004). Acredita-se que o conhecimento não deve estar confinado, e que o desenvolvimento da ciência a partir da divisão disciplinar fragmenta o saber – embora esta divisão tenha trazido alguns benefícios.

Partindo dessas premissas, tornou-se desafiador estudar Enfermagem na perspectiva da Teoria da Complexidade (MORIN, 2004). Isto se afirma como relevante, pois, como toda ciência, a Enfermagem tem seu desenvolvimento epistemológico influenciado pelo contexto no qual está inserida e seu objeto de estudo encontra-se imbricado em dimensões múltiplas. Assim, os fenômenos por ela estudados devem ser entendidos de forma global, estabelecendo relações “inter-poli-transdisciplinares”, termo usado por Edgar Morin (2004). Ou seja, assumindo e enfrentando seu caráter complexo, tornando-a mais instrumentalizada para responder às demandas que emergem da sociedade contemporânea.

O objeto de estudo deste artigo é a Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural de Madeleine Leininger, enfermeira norte-americana. Com o objetivo de refletir sobre a contemporaneidade desta teoria, foram analisados os contextos geo-históricos de duas épocas distintas e peculiares da História da humanidade: o período que compreende a década de 1950 (quando Leininger iniciou os estudos que deram origem à Teoria) e o que se estende de 2000 a 2009.

Partiu-se do pressuposto que poderiam existir relações cambiantes entre os cenários no qual Leininger iniciou seus estudos (década de 1950) e o de 2000 a 2009, uma vez que, muito do que é vivenciado na atualidade foi consolidado nos primeiros anos do pós-guerra e, paulatinamente, desenvolveu-se, ampliou-se e tornou complexas suas influências na sociedade como um todo.

Os aspectos geo-históricos que foram considerados referem-se aqueles que contribuíram para a construção da diversidade cultural nos Estados Unidos da América

(EUA) – local de surgimento da teoria em questão. Essa construção deu-se, indubitavelmente, através dos padrões de imigração ao longo dos anos (SPRANDLEY, ALLENDER, 2001). Portanto, a contemporaneidade da referida teoria foi analisada por meio do estudo desses movimentos populacionais.

Pela natureza que esse estudo assume, optou-se por desenvolver um ensaio teórico, de caráter reflexivo. Sua construção foi pautada em estudos sobre a Teoria de Madeleine Leininger e sobre o campo da Antropologia e suas relações com a área de saúde e, mais especificamente, com a Enfermagem.

2. MADELEINE LEININGER E A DÉCADA DE 1950

A história do povo americano é uma história de imigração e diversidade. Os EUA receberam mais imigrantes do que qualquer outro país. Nos últimos 150 anos, pode-se identificar três fases da imigração nos EUA: a primeira fase (1850-1930); a segunda fase (1930-1965); e a terceira fase (1965 aos dias atuais). A quantidade de imigrantes que chegaram em cada fase apresenta relação direta com a combinação de problemas político-econômicos e da pressão demográfica nos países em desenvolvimento e pelo expressivo crescimento econômico do país, especialmente na última década do século XX (OLIC, 2001).

Na década de 1950, a história dos EUA foi marcada pela Guerra Fria e pelo crescimento das tensões diplomáticas e militares entre as duas potências militares da época: EUA e União Soviética. Este período também foi marcado por uma grande explosão demográfica, e pelo início do movimento dos direitos civis e do movimento feminista no país.

Neste época, o campo da Antropologia, vivia o crescimento da Escola Relativista Cultural Norte-americana em contraposição à Escola Evolucionista Européia. A corrente Evolucionista, impregnada pela filosofia humanista do século XVIII e pela Teoria da Evolução de Darwin, acreditava que os diferentes fenômenos sociais e culturais poderiam ser explicados a partir do estabelecimento de uma ordem cronológica associada à história da humanidade, na qual são formuladas leis que negam as diferenças de cada cultura, mas, confirma o postulado de unidade da humanidade (ROHRBACH-VIADAS, 2007).

A Antropologia americana dos princípios do século XX se opõe ao Evolucionismo e elabora uma perspectiva teórica, o Relativismo Cultural, que acentua as diferenças culturais, afirmando que toda expressão, toda crença, tem significado e validade apenas no contexto cultural ao qual pertence. Portanto, os diferentes elementos de cada

cultura requerem uma interpretação a partir do contexto estudado, já que para a Teoria Relativista, isto é o que permite a objetividade (ROHRBACH-VIADAS, 2007).

De um modo geral, a maior parte das pesquisas sociológicas e antropológicas na área de medicina, tenderam a adotar uma postura muito mais empírica, o que permitiu que as minorias étnicas, os grupos de emigrantes, as populações de origem mexicana e as classes sociais pobres em geral fossem amplamente estudadas. A maioria dos trabalhos produzidos nos EUA, nesse tempo, observaram a doença como um fenômeno biológico objetivo, tal como a ciência médica ocidental a define, preocupando-se assim apenas com a sua experiência subjetiva (QUEIROZ; CANESQUI, 1986).

Para Queiroz e Canesqui (1986, p. 155):

[...] o foco de interesse das ciências sociais aplicadas à medicina concentrou-se, portanto, nas diferenças comportamentais dos doentes, atribuindo-se essas diferenças a fatores como etnicidade, cultura, classe social, nível educacional, idade, sexo e outros.

Foi neste contexto diversificado e assolado por inúmeras mudanças e processos de ordem mundias, que a enfermeira Madeleine Leininger sensibilizou-se para o estudo que, posteriormente, daria origem à Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural.

A experiência que despertou Leininger para seus estudos foi a percepção de diferentes comportamentos recorrentes entre as crianças portadoras de transtorno mental, de um lar de orientação infantil no qual ela trabalhava. Leininger concluiu que essas diferenças tinham uma base cultural. Para ela, o conhecimento sobre a cultura dos indivíduos era o elo que faltava, na Enfermagem, para prestar um atendimento adequado a cada cliente (GEORGE, 2000).

Mesmo com a diminuição do número de imigrantes desde a década de 1920, nos anos 1950 a população dos EUA já estava bastante heterogênea proporcionando esse encontro de culturas diferentes. A Enfermagem de então direcionava seus olhares para aspectos biológicos, o que se justificava por ser uma jovem ciência e, conseqüentemente, haver a necessidade de firmar-se diante das ciências da saúde. Daí a carência de estudar os aspectos culturais para compreender essas variações.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o combate ideológico entre os vencedores impôs uma nova pauta internacional e as migrações, de várias formas, ajustaram-se à divisão dos campos em disputa (MENEZES, 2001). A Europa voltaria a ser lugar de saída de grande quantidade de imigrantes fugindo dos horrores e destruições da Guerra. As migrações internacionais assumiram um movimento da periferia para o centro

e os EUA e Europa passariam a apresentar uma dependência do trabalhador estrangeiro, estimulando ainda mais esse processo de mobilidade espacial.

Dessa maneira, passou a ser premente a adequação da Enfermagem àquele momento de transição que o mundo vivenciava, principalmente a Enfermagem norte-americana, por ser, os EUA, um dos mentores dessas transformações e o país de destino dessas massas humanas que se deslocavam.

A partir dessas vivências nos anos 50, Leininger ingressou no doutorado em Antropologia da *University of Washington*, sendo a primeira enfermeira profissional do mundo a obter um doutorado na área, em 1965 (GEORGE, 2000).

Já nos anos 1960, Leininger funda uma nova área de estudo dentro da Enfermagem: a Enfermagem Transcultural. Um dos diferenciais da Enfermagem Transcultural é o método de pesquisa nela empregado, também desenvolvido por Leininger, a *etnoenfermagem*. Segundo Leininger (1997, p. 42), “etnoenfermagem refere-se a um método de pesquisa qualitativo de enfoque naturalístico, aberto a descobertas e principalmente indutivo, para documentar, descrever, explicar e interpretar as visões de mundo, significados, símbolos e experiências de vida dos informantes como seus comportamentos diante de fenômenos de enfermagem atuais ou potenciais”.

Dessa forma, somente a partir do estudo dessas visões de mundo, significados, símbolos e experiências de vida, seria possível ao enfermeiro compreender as representações e práticas de cuidado, particulares a uma determinada cultura ou comum a algumas delas. De posse deste saber, o enfermeiro estaria apto a proporcionar um cuidado de enfermagem significativo e eficaz, de acordo com a cultura de cada indivíduo.

Sendo assim, o profissional de Enfermagem prestaria um *cuidado culturalmente congruente* com a realidade sociocultural do cliente, ou seja, sua prática estaria inscrita no âmbito da Enfermagem Transcultural.

Leininger (1999, p. 9) define a Enfermagem Transcultural como sendo “um campo de estudo, pesquisa e prática formal e legítimo, focado nas crenças, valores e práticas de cuidados culturalmente baseados, para ajudar culturas ou sub-culturas a manterem ou recuperarem sua saúde (bem-estar) e formas de cuidados benéficos e culturalmente congruentes diante da doença ou morte”.

Conforme pode-se observar, a década de 1950 foi, na verdade, o húbmus social e cultural do qual Leininger retirou os elementos essenciais para elaboração de sua obra. A teórica foi formada em um contexto influenciado pelo Relativismo Cultural e suas pesquisas, sua perspectiva de cultura, as descrições que faz dos indivíduos e grupos que

estuda, deixa claro os princípios filosóficos da Teoria Relativista (ROHRBACH-VIADAS, 2007). Tal fato contribui para a construção de algumas críticas à sua teoria, como veremos adiante.

3. FAZENDO CONEXÕES

Após a conclusão do seu doutorado em Antropologia, em 1965, pela *University of Washington* (Seattle), Leininger ofereceu, em 1966, o primeiro curso de Enfermagem Transcultural na *University of Colorado*. E, devido às rápidas mudanças multiculturais no mundo, estabeleceu a Enfermagem Transcultural como disciplina obrigatória nos cursos de graduação em 1970 (ORIÁ; XIMENES; ALVES, 2005).

Os primeiros documentos publicados por Leininger foram os livros *Nursing and anthropology: two words to blend* (1970) e *Transcultural Nursing: concepts, theories and practices* (1978). Além desses livros, a teórica continuou publicando estudos nesta área e, em 1991, publica a teoria completa e discutida de forma mais ampla na obra *Culture Care Diversity and Universality: a theory of nursing* (1991), que, segundo a própria autora, é livro de leitura obrigatória para quem deseja estudar e aplicar a teoria.

Além disso, Leininger fundou, em 1974, a *Transcultural Nursing Society* que é uma organização oficial e a mais importante nesta área, com sede em Michigan, EUA. Ela também é fundadora e primeira editora do *Journal of Transcultural Nursing*.

Atualmente, Leininger permanece envolvida em atividades científicas para o fortalecimento de sua obra. Passemos agora ao contexto geo-histórico do período de 2000 a 2009.

4. VISÃO GERAL DO PANORAMA MUNDIAL, NO PERÍODO DE 2000 A 2009

Nos últimos dez anos, a população mundial tem vivenciado um processo de mundialização de maneira frenética, assistindo a um cenário imbricado por transformações em todas as esferas da vida humana e por conflitos bélicos que se intensificam, dizimando parcelas consideráveis da população de determinadas regiões, numa guerra de forças e poderio político e econômico.

A crescente “quebra de fronteiras” e a ideia de uma “aldeia mundial” têm dado à sociedade, nesses últimos dez anos, uma face múltipla e diversificada. Ao mesmo tempo, explicita suas fragilidades e conflitos. Além das influências nas diversas dimensões da sociedade, isso também se refletirá na inteligibilidade dos estudiosos.

Neste caso, os enfermeiros não ficam de fora. Somos atingidos por essas rápidas mudanças e isso deve ser contemplado desde o processo de formação até a prática do profissional no seu dia-a-dia, como membro da equipe de saúde. Pois, a forma dos indivíduos estabelecerem suas relações com o mundo passa a trazer, em suas entrelinhas, os reflexos desse contexto.

Aqui reside a importância da Enfermagem estar atenta nessas transformações e, sobretudo, atentar para a subjetividade dos indivíduos que experimentam essa “corrida”, muitas vezes em posição de mero espectador, sem assumir seu papel de sujeito histórico, ator e autor de sua realidade social.

Quanto às migrações nos EUA, houve um declínio desde a década de 1920 até os anos 1960. No entanto, a Lei de Imigração e Nacionalidade de 1965 revogou cotas nacionais baseadas na origem, abrindo as portas do país à imigração oriunda de regiões além da Europa. Nos anos 1980 e 1990, a imigração explodiu: a população nascida no exterior mais do que dobrou nesses 20 anos, indo de 14,1 milhões, em 1980, para 31,1 milhões no ano 2000 (SINGER, 2004).

Washington Araújo, ao introduzir o livro *Migrante Cidadão* (MILESI; SHIMANO, 2001), afirma que, em uma análise geral, as motivações dos emigrantes continuam sendo as mesmas: insegurança material e física, intolerância, exclusão econômica e política, repressão, catástrofes e transtornos diversos, conflitos e guerras.

A “ilusão migratória”, fruto da internacionalização dos processos sociais, sem a qual ninguém migra a longa distância, é um fator importante nas migrações (BRITO, 2004). Além disso, destaca-se: existência de relações políticas e econômicas entre os países atingidos; a presença de uma comunidade compatriota no país de destino; condições de trabalho favoráveis; e o apoio (ou compreensão) da opinião pública do país de destino (MILESI; SHIMANO, 2001).

Para ilustrar o resultado de todo esse processo de migração, uma capa da Revista *Times*, em 1994, compunha a futura “cara da América”, mesclando as feições de africanos, asiáticos, latinos, anglo-saxões, chineses, vietnamitas, etc. (VERDÚ, 1996).

Segundo dados do Censo Demográfico 2000 (IBGE, 2002), o número de estrangeiros vivendo no Brasil é 510.068. No entanto este número tem decrescido. Em 1970 haviam 1.082.745 estrangeiros vivendo no país, em 1980 o número reduziu para 912.848 e em 1991 já contava-se com 606.636.

Portugueses, japoneses, italianos e espanhóis, respectivamente, mantêm-se como os maiores contingentes de estrangeiros no Brasil. De acordo com o Censo 2000 tem

aumentado o número de bolivianos, peruanos, colombianos e guianenses (Guiana Inglesa), respectivamente, embora estes números não sejam significativos no total de estrangeiros (IBGE, 2002).

No tocante aos movimentos populacionais dentro do Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2009 aponta que no país 40,1% da população não é natural do município onde reside. Dentre as Grandes Regiões brasileiras, os números referentes às Regiões Centro-Oeste (54,2%) e Sudeste (41,3%) são maiores que os do Brasil (IBGE, 2009).

Embora os indicadores populacionais sobre migração no Brasil e no mundo venham apresentando uma redução, deve-se considerar que há um aumento da circulação de bens e produtos materiais e imateriais (culturais, por exemplo) intra e inter-países. Esta circulação tem sido estimulada pelos fenômenos da globalização das economias e dos meios de comunicação.

Neste sentido, a ideia de “aldeia global” toma, cada vez mais, contornos e materialidade. Na perspectiva assumida neste estudo, compreende-se que, neste contexto, continuam operando em todo o mundo (diferente da década de 1950, que esse fato era mais notório nos EUA) uma série de fenômenos sociais e demográficos que fomentam a diversidade cultural promovida pelos encontros de seres humanos diferentes.

Diante dessa realidade, podemos imaginar a diversidade cultural que cada imigrante alberga e como isso tem se refletido na busca por cuidados em serviços de saúde e na vivência do processo saúde-doença. Hoje, esta já não é uma realidade exclusiva dos EUA, mas mundial, ampliando, dessa forma, o campo de estudos da Enfermagem Transcultural.

A celebração dessa diversidade foi evidenciada por Leininger e os pesquisadores dessa corrente teórica em suas obras. No que diz respeito ao processo saúde-doença, esta celebração faz-se extremamente necessária, uma vez que a forma como cada indivíduo experimenta esse processo está enraizada nos valores, nas crenças, nas práticas, nas representações sociais, nos imaginários, nos significados, enfim, no jeito próprio de cada cultura explicar e interpretar esses fenômenos (MELO; CABRAL; SANTOS JÚNIOR, 2009).

A análise desses aspectos é essencial ao enfermeiro, no sentido de evitar a prática de imposições culturais ao implementar o processo de cuidar junto aos usuários dos serviços de saúde, por meio de julgamentos sobre as situações com as quais se depara, levando em consideração seus próprios referenciais culturais. Tais julgamentos caracterizam uma atitude etnocêntrica, algo tão frequente nos cenários de atenção à

5. A CONTEMPORANEIDADE DA TEORIA DE MADELEINE LEININGER: À GUIA DE CONCLUSÕES

A Teoria do Cuidado Cultural de Leininger adquire um papel de destaque e pioneirismo no campo da Enfermagem, por seu caráter inovador, interdisciplinar (principalmente em sua relação com a Antropologia) e pelas questões filosóficas e epistemológicas que lhe dá sustentação.

No entanto, por ser herdeira de uma tradição antropológica marcada pelo Relativismo Cultural, apresenta algumas limitações. O que não invalida sua importância e repercussão entre as Teorias de Enfermagem.

Por ter um enfoque transcultural e comparativo, evidenciado pela ênfase nas diferenças entre as culturas, as pesquisas de Leininger, assim como de outras autoras da Enfermagem Transcultural como Margaret Andrews, Joyceen Boyle, Beverly Horn, segundo Hohrbach-Viadas (2007, p. 120):

[...] relegam a riqueza histórica e cultural dos grupos estudados, proclamando em seu lugar a comodidade americana como se fosse um valor universal. Independentemente do valor que se outorgue à modernidade e à comodidade americana, ao analisar um trabalho de campo semelhante, observa-se o vazio do outro, de seu conhecimento, da riqueza da experiência, da compreensão que se adquire de si próprio quando se realiza um estudo similar. Quando os postulados do relativismo cultural guiam um estudo, problematizam o diálogo entre as culturas e comprometem a comparação. Ao centrar a observação nos próprios valores, a perspectiva continua sendo etnocêntrica. (HOHRBACH-VIADAS, 2007, p. 120).

Além disso, a Teoria do Cuidado Cultural tem sido eficaz para o desenvolvimento de pesquisas que tomam como seus objetos de estudo os saberes, as crenças e as práticas de saúde, doença e cuidado. No entanto, mostra-se teoricamente insuficiente para realização de estudos que abordam o universo simbólico das culturas que se refletem na experiência de adoecimento e na construção social de itinerários terapêuticos diversos, dentro do pluralismo característico dos sistemas de cuidado à saúde em sociedades complexas.

Para estudos com essa última abordagem, no Brasil, tem sido frequente a utilização dos referenciais teóricos e metodológicos da Antropologia Interpretativa (GEERTZ, 1989); da Antropologia Médica norte-americana (KLEINMAN, 1988); e pela Antropologia da Doença francesa (LAPLANTINE, 2004; HERZLICH, 1996).

Por fim, cabe destacar que a sociedade hodierna está envolta por um pluralismo cultural que é, a toda hora, lembrado e comemorado, no intuito de manter esse patrimônio imaterial sempre vivo. Dessa forma, os enfermeiros são afetados por grandes mudanças demográficas, sociais e culturais, que possuem profunda influência tanto nas

crenças e práticas de cuidados de saúde observadas, quanto no uso dos serviços de saúde por indivíduos, famílias ou grupos.

Neste sentido, na sociedade brasileira, devemos levar em consideração a realidade de alguns serviços de referência no Sistema Único de Saúde que atendem a inúmeros usuários de origens territoriais e nacionalidades distintas. Tal fato é mais evidente nos grandes centros urbanos, pois reúnem serviços especializados e de alta complexidade tecnológica.

Guardadas suas limitações, a Teoria de Madeleine Leininger se afirma como contemporânea, pois, como discutido aqui, as condições sociais, econômicas, políticas e culturais vivenciadas na década de 1950, não ficaram isoladas àquele período. Mas seguiram o rumo percorrido pela humanidade, tornando-se cada vez mais complexas e amplas. De maneira que, alguns traços da realidade sociocultural dos EUA que serviu de húmus para o surgimento desta teoria, hoje passa a ser uma realidade mundial. Nesta conjuntura, cada vez mais, as fronteiras dos países tendem a “ruir” e o mundo a se constituir numa comunidade global, com cidadãos planetários.

Diante do exposto, afirma-se que a Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural, de Madeleine Leininger, permanece atual e respondendo às demandas da modernidade tardia, apesar de suas limitações. Isso se faz real a partir da análise de diversos estudos que vêm sendo desenvolvidos em muitos países, inclusive no Brasil (ORÍÁ; XIMENES; ALVES, 2006). Na prática clínica a teoria tem sido bastante aplicada na Enfermagem de Saúde Pública, principalmente nas práticas educativas (MICHEL et al., 2010).

Os conceitos e proposições trazidos por Leininger em sua teoria, reafirmam a importância do compromisso social que a Enfermagem deve assumir a cada dia. A autora propõe uma abordagem complexa e culturalmente congruente aos usuários dos serviços de saúde. Defende assim a compreensão dos aspectos manifestos, despidos aos olhos do profissional, e dos aspectos que os constituem como seres integrais.

Refletir sobre a contemporaneidade da teoria de Leininger é uma forma de chamar a atenção da comunidade acadêmica, sobretudo dos enfermeiros, para a necessidade de adequar a prática profissional à realidade vivenciada pelos indivíduos que, conosco, coproduzem o cuidado. Esta é uma forma de alcançar o objetivo de promover a saúde, a autonomia e o bem-estar dos indivíduos através do cuidado. No entanto, mesmo havendo número significativo de pesquisas brasileiras que utilizam esta teoria em diferentes contextos de produção de cuidado (ORÍÁ; XIMENES; ALVES, 2006;

MICHEL et al., 2010), pouco tem-se publicado sobre a utilização desta teoria pelos profissionais de saúde em seus processos de trabalho cotidianos.

AGRADECIMENTOS

À Mirian Rocha da Luz e Clébio Marques da Silva, da Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO), Pernambuco, pelo caminho compartilhado.

REFERÊNCIAS

BRITO, F. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2004.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEORGE, J.B. (Org.). **Teorias de enfermagem: os fundamentos à prática profissional**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HERZLICH, C. Santé et maladie: analyse d'une représentation sociale. 2 ed. Paris : Editons EHESS, 1996.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em : <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>>. Acesso em: 23 abr. 2011.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese dos indicadores 2009** [serial online]. Brasília: IBGE, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sintese_ind_2_1.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2011.

KLEINMAN, A. **The illness narratives: suffering, healing, and the human condition**. Cambridge: Basic Books, 1988.

LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEININGER, M.M. **Nursing and anthropology: two worlds to blend**. New York: John Wiley & Sons, 1970.

_____. **Transcultural nursing: concepts, theories and practices**. New York: John Wiley & Sons, 1978.

_____. **Culture care diversity and universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing, 1991.

_____. Overview of the theory of culture care with the ethnonursing research method. **Journal of Transcultural Nursing**, Michigan (USA), v. 8, n. 2, p. 32-52, jan./jun. 1997.

_____. What is transcultural nursing and culturally competent care? **Journal of Transcultural Nursing**, Michigan (USA), v. 10, n. 1, p. 9, jan. 1999.

MELO, L.P.; CABRAL, E.R.M.; SANTOS JÚNIOR, J.A. The health-disease process: a reflection based on medical anthropology. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 3, n. 4, p. 426-32, out./dez. 2009.

MENEZES, L.M. Movimentos e políticas migratórias em perspectiva histórica: um balanço do século XX. In: CASTRO, M.G. (Org.). **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 2001. p. 123-36.

MICHEL, T.; SEIMA, M.D.; LACERDA, M.R.; BERNARDINO, E.; LENARDT, M.H. As práticas educativas em enfermagem fundamentadas na Teoria de Leininger. **Cogitare Enfermagem**,

MILESI, R.; SHIMANO, M.L. (Orgs.). **Migrante cidadão**. São Paulo: Loyola, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensar**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

OLIC, N.B. Estados Unidos: imigração e desigualdades sociais. **Revista Pangea Mundo** [serial online]. ago. 2001. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=50&ed=4>. Acesso em: 11 dez. 2006.

ORIÁ, M.O.B.; XIMENES, L.B.; ALVES, M.D.S. Madeleine Leininger and the theory of the cultural care diversity and universality: an historical overview. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago., 2005. Disponível em: <www.uff.br/nepae/objn402oriaetal.htm>. Acesso em: 10 ago. 2006.

_____. Utilização da teoria do cuidado cultural na pós-graduação em enfermagem: a realidade brasileira. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 245-52, abr./jun. 2006.

QUEIROZ, M.S.; CANESQUI, A.M. Antropologia da medicina: uma revisão teórica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 152-64, abr. 1986.

ROHRBACH-VIADAS, C. En búsqueda de un cuidado universal y cultural. **Revista Investigación y Educación en Enfermería**, Medellín (COL), v. 25, n. 2, p. 116-21, set. 2007.

SPRANDLEY, B.W.; ALLENDER, J.A. Transcultural nursing in the community. In: _____. (Ed.). **Community health nursing: concepts and practice**. Philadelphia: Lippincott, 2001. p. 57-79.

SINGER, A. The changing face of America. **eJournal USA: society & values** [serial online]. Washington (USA), v. 9, n. 2, p. 9-13, Dec., 2004. Disponível em: <<http://usa.usembassy.de/etexts/soc/ijse1204.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2007.

VERDÚ, V. **O planeta americano**. Campo Grande: Letra Livre, 1996.

Lucas Pereira de Melo

Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutorando em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Professor da Faculdade Anhanguera de Campinas - unidade 3, na área de Enfermagem em Saúde Coletiva.